

MANUEL UGARTE: O ANTIAMERICANISMO NO PENSAMENTO LATINO-AMERICANO

Christiane Vierira Laidler*

Resumo

Autor de *El porvenir de la América Española*, Manuel Ugarte representa uma corrente de críticos do Pan-americanismo e do imperialismo norte-americano. Sua obra é composta de artigos e livros, e ainda de uma grande campanha de conferências destinada a convencer seus compatriotas e a Europa do perigo norte-americano, tanto na esfera econômica quanto na esfera política nas primeiras décadas do século XX.

Palavras chave: Manuel Ugarte – antiamericanismo – imperialismo

Abstract

Author of *The destiny of a continent*, Manuel Ugarte represents the critique against the Pan-americanism and the american imperialism. His work includes articles, books and speeches of a great campaign designed to arouse his compatriots and Europe about the yankee peril, in both the economic and the political sphere at the beginning of the 20th century.

Keywords: Manuel Ugarte – anti-Americanism - imperialism

Homem de letras, Manuel Ugarte conheceu os desafios impostos à geração de latino-americanos da virada do século XIX para o século XX, respondendo de maneira particular a eles. Suas idéias não eram originais, mas a forma de divulgá-las e de transformá-las em um programa de luta política a ser debatido publicamente em todas as nações da América teve verdadeiro impacto entre os intelectuais, principalmente entre as platéias jovens das universidades. O atributo individual da fortuna de família tornou o homem Manuel Ugarte um intelectual e militante absolutamente independente de instituições, partidos, e de redes sociais que, em geral, limitam e restringem as possibilidades de ação dos indivíduos. Penetrar em suas obras, ou ao menos em parte delas, é olhar uma face do pensamento político latino-americano

* Professora de História Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Chefe do Setor de Pesquisa em Direito da Fundação Casa de Rui Barbosa.

expressamente antiamericana, marcada pelas questões do capitalismo expandido e sem fronteiras, e pela profunda influência européia. Essas características fazem de Ugarte um ator representativo de um pólo do diálogo político que se desenvolveu em seu tempo. Os problemas e questões do debate de idéias do início do século XX formam o contexto conceitual a partir do qual se pode compreender seu pensamento e, inversamente, suas idéias constituem uma importante fonte de compreensão da atmosfera da disputa política.

Ugarte compreendeu o socialismo como uma necessidade ditada pela evolução da humanidade, impossível de ser ignorada pela razão. Todas as evidências em sua volta o convenceram de que a forma do capitalismo já não correspondia ao modelo liberal, de que o Estado participava ativamente do sistema produtivo, e de que as demandas da classe operária se ampliavam e eram domesticadas por uma participação cada vez maior desse segmento nos governos.

Mas foi na luta contra a expansão econômica e o intervencionismo ianque na América Latina que se notabilizou. O registro de suas posições está em *El porvenir de la América Española*, publicado na Espanha em 1910, e com várias edições; e em *Mi campaña hispanoamericana*, igualmente editado na Espanha, em 1922. Neste trabalho, Ugarte reuniu a experiência das conferências que proferiu entre os anos de 1911 e 1913 pelos países da América, numa grande campanha antiamericana.

Neste texto eu pretendo explorar alguns conceitos adotados por Ugarte relacionados às necessidades históricas da humanidade, explicitados pelo autor em sua defesa do socialismo, e em seguida, sua posição antiamericana de defesa da união dos países da América hispânica, como forma de manter os elementos da civilização resultante da sua colonização e afastar o perigo da grande “nação absorvente” do Norte.

O início da vida intelectual de Manuel Ugarte corresponde ao padrão dos jovens latino-americanos de famílias abastadas que iam para a Europa após os estudos para compartilhar os ares da civilização européia com os literatos que se reuniam em Paris. Chegou à Europa em 1897 e regressou à Argentina em 1903. O objetivo de conquistar um lugar no mundo literário foi suplantado por uma paixão política que forjou sua identidade intelectual. Em 1898 esteve nos Estados Unidos e, naquele ano da

guerra contra a Espanha, começou a recolher as informações sobre o expansionismo, as anexações e as intervenções norte-americanas no continente (IGLESIAS,1989:18). Na sua volta à Paris, a literatura perdeu espaço para suas preocupações políticas. Frequentou reuniões de socialistas e anarquistas e consolidou algumas certezas que procurou explicar aos argentinos em uma Conferência pronunciada em setembro de 1903 e publicada em Valencia em 1909 em *El arte y La democracia*.

As sociedades eram essencialmente dinâmicas, estavam em perpétua evolução. Esse processo de transformações incessante constituía uma marcha “hacia la luz”, movida pelo permanente desejo humano de buscar a perfeição (Ugarte,1909). Havia um sentido de progresso que Ugarte afirmava como elemento inquestionável nos processos de mudança das sociedades. E a questão fundamental de então era perceber quantas imperfeições ainda persistiam na sociedade a despeito dos progressos da técnica e da produção. Havia uma maioria de seres humanos trabalhando e sofrendo para que uma pequena minoria pudesse gozar de abundância, para não falar nos tantos que ainda morriam de fome ou que não tinham sequer um teto. A indignação não podia ser contida enquanto a maioria dos seres humanos estivesse impedida de se desenvolver livremente. É da natureza dos homens aspirar novas conquistas e cada época forma as suas concepções e desejos de acordo com um balanço entre as realizações alcançadas e as necessidades ainda existentes, de sorte que existe um permanente conflito entre as forças da mudança e as da resistência.

Neste ponto nos deparamos com uma característica importante do pensamento de Ugarte. A convicção socialista e o projeto de mudanças que defendia não era o da ruptura da ordem, mas o da transformação pela via das reformas progressivas, compatível com a sua confiança na evolução natural das sociedades, que desenvolvem as forças que demandam as mudanças, e com o revisionismo de uma importante parcela dos socialistas da Segunda Internacional, de cujos congressos tomou parte como representante do Partido Socialista argentino em 1904 (Amsterdã) e 1907 (Stuttgart).

Entre os que desejam a evolução e os retardatários, existe um ponto de equilíbrio que dita o limite do que a resistência pode conceder e o que o ataque pode exigir. E este ponto, no início de século XX, encaminhava-se claramente para a

esquerda. Manuel Ugarte afirmava então que a atmosfera do século estava contagiada de um desejo de solidariedade e de justiça, elementos não apenas retóricos, mas informados pelo real envolvimento dos intelectuais europeus com as organizações operárias e com as suas lutas.

Para comprovar o percurso de evolução no sentido do socialismo, apontou as leis de proteção aos operários, impensáveis cinquenta anos antes, como resultado das lutas e agitações políticas. Por mais egoísta que fosse a sociedade de então, ela era forçada por sua própria dinâmica a ir aceitando a nova doutrina.

Como parte de uma geração herdeira da ciência, os homens do seu tempo deixaram para trás o humanitarismo e a caridade, como paliativos que eram, e adotaram a luta consciente pela evolução, como quem sabe de onde está partindo e onde quer chegar, informados pela escola sociológica. Assim, os socialistas eram intelectuais que conheciam os mecanismos da sociedade e a dinâmica de sua evolução.

Sobre as possibilidades da construção do socialismo, e contra os argumentos daqueles que afirmavam ser a desigualdade parte da natureza humana, impossível de ser superada, Ugarte apontou a natureza de algumas formas de organização da produção e de regulação do Estado. Cooperativas, sociedades anônimas, empresas estatais e trusts (estes, coletivismos oligárquicos) eram aplicações parciais de princípios socialistas. Assim também as leis de proteção ao trabalhador que implicavam o reconhecimento do direito do Estado de regular as condições da produção, ou seja, uma restrição ao direito da propriedade privada. Também os monopólios estatais sobre os serviços postais e telegráficos e, em alguns casos sobre os serviços ferroviários, sua eficiência e razão de ser, demonstravam a possibilidade de uma gestão pública que podia ser estendida aos demais setores da produção e dos serviços. Ele lembrou ainda a enorme gama de restrições ao comércio, que vigoravam contrariando a liberdade advogada pelos economistas clássicos. Todos esses elementos demonstravam que o capital de propriedade individual não era condição do desenvolvimento produtivo, e, contrariamente, que já era um fato a organização social da produção.

Mas entre os argumentos que demonstram a viabilidade do socialismo, o imposto sobre a renda é o mais importante para Ugarte, na medida em que permitia uma

transferência da riqueza de forma gradual, sem rupturas. Limitaria as fortunas e heranças e nenhum economista poderia acusar de fantasia irrealizável. Em suas palavras

“aunque somos hombres de revolución por nuestros propósitos, es necesario que seamos, si queremos merecer la confianza general, hombres de Estado por nuestra previsión y nuestra prudencia. Lejos de librarnos a la imaginación y de tomar nuestros deseos por realidades, debemos estudiar las condiciones del medio, y no proponer, ni prohijar, mas que aquellas medidas que de antemano sabemos realizables.” (UGARTE, 1909)

Para além da possibilidade, o socialismo era uma necessidade que se impunha pelas forças vivas da sociedade. A organização operária e a opinião, representadas por intelectuais como Lombroso, Zola, Ferri, De Amicis, Tolstoi, ou Anatole France, expressavam essa força. A conservação só podia aumentar a agitação da classe operária, sua mobilização e o perigo real de um choque cujos efeitos eram imprevisíveis. Não era por outra razão que havia um aumento da participação dos socialistas nos governos da Europa. O governo francês contava com a participação de socialistas no gabinete ministerial e Jaurés era vice-presidente da Câmara dos Deputados, e na Alemanha os socialistas haviam atingido 3 milhões de votos nas últimas eleições. Era preciso então render-se ao gradualismo e evitar o perigo.

Dois outros fenômenos justificavam igualmente a necessidade do socialismo. O primeiro era a ameaça à paz resultante da competição das nações capitalistas. O socialismo era a única forma de garantir o equilíbrio internacional e a paz. O segundo era o crescimento dos trusts, que ao concentrarem o capital, ameaçavam paralisar a ação dos governos.¹ Este é um importante ponto que se relaciona diretamente à prioridade que Ugarte dedicará ao antiimperialismo na América Latina. À primeira vista, o nacionalismo antiamericano, ou mesmo o regionalismo antiamericano deveria ser suplantado pela luta pelo socialismo, pois este, uma vez alcançado, ainda que gradualmente, solucionaria a maior parte das contradições e imperfeições ainda percebidas na sociedade. Contudo, de acordo com a perspectiva de Ugarte, o socialismo era um processo já em andamento que dependia da capacidade de regulação dos Estados, podendo esta capacidade ser ameaçada pelos trusts, e, no caso dos Estados pouco industrializados, pelo imperialismo. Essas convicções tornaram as posições de Ugarte bastante distantes daquelas do Partido Socialista Argentino.

Embora tenha retornado à Argentina em 1903 para integrar o Partido Socialista de seu país, representando-o como delegado nas conferências da Segunda Internacional, em 1913 Ugarte foi expulso do Partido em razão de desentendimentos permanentes que tinha com Juan Bautista Justo, o principal líder do socialismo argentino. O que desencadeou o conflito foi a postura do jornal *La Vanguardia* na questão envolvendo o Panamá. Em artigo publicado havia uma glorificação da separação do Panamá sustentada pelos Estados Unidos. As posições antiamericanas de Ugarte eram contraditórias em relação às orientações do Partido e de seus líderes, e acabaram por se transformar em seu principal objetivo político.

Quando houve a intervenção norte-americana em Cuba, em 1898, Ugarte decidiu ir aos Estados Unidos, onde compreendeu o projeto imperialista em curso a partir de inúmeras informações, complementadas ainda com as passagens pelo México e por Cuba. A partir daquele momento voltaria a sua atenção para a necessidade da América Latina unir-se em torno do objetivo de sua própria sobrevivência frente à expansão comercial e política dos Estados Unidos. De volta à Paris, em outubro e novembro de 1901 escreveu os seus primeiros artigos antiimperialistas para o jornal *El País* de Buenos Aires, intitulados “El peligro yanqui” e “La defensa latina” (BARELA:2002,1). Deu continuidade a sua propaganda com o objetivo de chamar a atenção dos europeus e dos seus compatriotas da América contra o perigo norte-americano através de numerosos jornais da França, Espanha e Itália e, em 1910, reuniu suas idéias sobre o tema num volume publicado em Valencia sob o título *El porvenir de la America Española*. Logo depois ele abandonou a escrivania e deu início a uma grande campanha. Sua primeira palestra havia sido em Barcelona, em maio de 1910. Em outubro de 1911 falou na Sorbone e anunciou a sua intenção de percorrer a América Latina em campanha. Durante os dois anos seguintes ele realizou audiências em todas as capitais da América Latina e visitou os Estados Unidos, onde proferiu uma palestra na Universidade de Columbia (RIPPEY,1925,vii).

Cuba foi o seu primeiro destino na América. Percorreu o país e pode ver a penetração dos interesses norte-americanos e um descontentamento que se expressava através de um profundo sentimento nacionalista. A impressão que registrou em *El destino de um continente*, de 1923, foi a de que, a qualquer chamado, guerrilheiros se

levantariam dispostos a perder a vida em nome da independência tão distante (BARELA,2005,4). Em 1906, por ocasião da primeira intervenção - na forma de ocupação – da ilha, sob a Emenda Platt, Ugarte escreveu um artigo para *La Epoca* de Madrid no qual denunciava a morte de Cuba e alertava os demais países da América Latina para que tomassem Cuba como um exemplo. Citando um jovem rebelde cubano de 1898, que disse: “Hemos pasado de um cárcel a outra”, Ugarte procurava demonstrar a consciência que tinham os cubanos de que a liberdade era apenas um sonho, impossível de ser realizado naquelas circunstâncias. A diplomacia dos Estados Unidos tentou amenizar as desilusões e inquietações na Europa e na América Latina com a evacuação de 1902, mas, na realidade, não enganou ninguém. A concessão de pontos estratégicos e de monopólios representavam apenas um compasso de espera que os acontecimentos de 1906 confirmavam. A América Latina devia se prevenir contra a habilidade diplomática, as conferências pan-americanas (a última tinha acabado de se realizar no Rio de Janeiro) e os discursos do secretário de Estado, Elihu Root. Nada podia contrastar o fato de que os Estados Unidos “*fingieron defender la independencia de Cuba, y fomentaron la insurrección, con él único fin de suplantar al primer ocupante*”(UGARTE,1906).

El porvenir de la America Española, seu primeiro livro de propaganda antiamericana, caracteriza as duas Américas como regiões em oposição natural, portadoras de formações e interesses não apenas diferentes mas, naquele contexto, conflitantes. Teve diversas edições e traduções. No prefácio da edição de 1920, Ugarte explicou que as razões que o levaram à publicação original se mantinham. Os políticos ingênuos que afirmavam que os Estados Unidos eram desinteressados e que a política de fraternidade devia ser acentuada se proliferavam, mesmo depois da invasão do México, do atentado contra a república de Santo Domingo – que era governada da maneira mais arbitrária por um capitão da marinha dos Estados Unidos – e da pressão sofrida durante a Grande Guerra para que os latino-americanos adotassem interesses estranhos. Em 1920, a América Latina se achava ainda na mais perfeita anarquia diplomática, sem capacidade de promover uma ação conjunta para defender os seus interesses. A paixão subalterna do dinheiro e querelas de fronteiras promoviam a divisão em prejuízo dos interesses nacionais. E mais, os Estados Unidos eram os donos

do cabo e, portanto, da opinião pública, que recebia notícias de fora, sem se dar conta do que ocorria ao seu redor (UGARTE:1920,XIII).

A tese imperialista de que um povo que não pode desenvolver suas riquezas não deve ter direito a elas não foi negada por Ugarte, pois segundo ele isso seria razão para o considerarem um ideólogo sonhador diante dos interesses práticos que comandavam a política, mas contrapôs-se apresentando os exemplos da Argentina e Brasil, cuja prosperidade justificava o direito de perdurarem. Caracterizava a América Latina dividindo-a em regiões mais vulneráveis - as pequenas repúblicas da América Central e o México, vizinhos próximos aos Estados Unidos -, as repúblicas centrais (andinas), que se enfraqueciam pelas disputas e rivalidades, e as repúblicas maiores do Sul, sobretudo, Chile Brasil e Argentina, cuja conquista direta seria impossível. Mesmo nestes países, entretanto, a infiltração econômica progressiva, a inútil proteção da Doutrina Monroe, que significava uma espécie de paternidade frente aos europeus, e a difusão do idioma podiam ser agentes de uma invasão espiritual, comercial e política. Para Manuel Ugarte, esse processo não se justificava a não ser pela iniciativa deliberada dos Estados Unidos aos quais os latino-americanos deviam apenas a timidez e o medo. Contrariamente, inúmeros interesses ligavam a América Latina à Europa, desde a civilização e o pensamento, aos empréstimos e à manufatura, para não falar na imigração (UGARTE:1920,118).

Apesar da diversidade, o destino da América Latina era um apenas, o que tornava as repúblicas maiores prisioneiras da sorte das menores, porque estas, débeis, uma vez sob o domínio do “invasor”, se tornariam pontes para o “gigantesco vizinho absorvente”. Além disso, as grandes precisariam de mercados um dia. Só havia perspectiva de sobrevivência se umas se apoiassem nas outras. A única defesa possível era a solidariedade e a ação de conjunto, informada por um diagnóstico correto da situação. Esse diagnóstico dependia essencialmente da consciência de que as nações mais prósperas do mundo, baseadas no fato de que alguns Estados não podiam ter vida própria, nutriam ambições de predomínio e hegemonia, o que causava no conjunto das nações uma atmosfera de desconfiança e dissolução. Ou seja, era preciso reconhecer que o medo e a desconfiança debilitavam os Estados, na medida em que para defenderem-se, muitos julgavam ser necessário uma associação prejudicial ao suposto protetor antes

de uma colaboração entre os de igual interesse. Enquanto no Norte havia uma nação unida em torno de uma bandeira, no sul havia 20 diferentes Estados, indiferentes ou hostis entre si (UGARTE:1920,129).

As previsões de futuro de Ugarte eram sombrias. Carnegie, a quem chamou de “caçador de esterlinas”, afirmara que a América (do Norte) teria 1 bilhão de habitantes no ano 2000 e que isso a obrigaria a estender os seus limites, e o centro comercial do mundo se transferiria. O crescimento dos Estados Unidos era impressionante. Indicadores mostravam que a economia do país superava qualquer outra. A riqueza produzida em 1890 era de 65 bilhões em peso ouro, saltando para 120 bilhões em 1911, e com uma balança comercial favorável em 500 milhões. Tamanha energia não se deteria. O gigante preocupava a Europa a despeito de toda a riqueza, o comércio, e os meios militares do continente (UGARTE,1920,133).

O que poderia um continente dividido contra esse colosso? Ugarte buscou demonstrar a urgência de uma postura vigilante e de resistência da América Latina em conjunto, mas em geral não encontrava eco entre as principais lideranças políticas. Oligarquias tradicionais beneficiárias do comércio de exportação de gêneros, contra todos os conflitos sociais já instalados, mantinham em geral o domínio político. As exceções, por diferentes razões, não mudavam a disposição de manutenção das relações econômicas tradicionais e da desintegração na América Latina. A Argentina da UCR, não assumiu qualquer projeto de transformações. Já a Venezuela, era o exemplo de que as tentativas de enfrentamento eram custosas e levavam a uma permanente instabilidade política, que tinha como um dos principais fatores o incentivo norte-americano a movimentos de oposição.

O México de Carranza era o exemplo que Ugarte gostava de usar para mostrar a necessidade de resistir. Ele criou um Comitê Pró México por ocasião da ocupação do Porto de Veracruz durante o processo revolucionário. O Comitê deveria ser a semente de uma associação latino-americana para tratar do problema da América Latina em sua totalidade, mas a Grande Guerra e a polarização que se seguiu impediu que a iniciativa tivesse repercussão e prosseguisse (IGLESIAS,1989,21).

“Cuando estalló la guerra, fui hispanoamericano ante todo [...] No me dejé desviar ante todo por un drama dentro del cual nuestro continente solo podía ser papel de subordinado o de víctima y lejos de creer, la injusticia en el mundo, me enclaustré en la neutralidad, renunciando a fáciles popularidades para pensar sólo en nuestra situación después del conflicto.”²

Ao final da Grande Guerra, Ugarte continuou a sua luta, reeditando *El porvenir de la America Española*, e publicando *Mi campaña hispanoamericana*, de 1922, e *El destino de un continente*, de 1923. Entre os mesmos problemas que persistiam, como afirmou no prefácio de 1920, impedindo a tomada de uma posição conjunta contra os Estados Unidos, estava o interesse imediato de lideranças nacionais latino-americanas que costumavam reconhecer os defeitos da “alma latina” e a imensa capacidade dos vizinhos do Norte. E justificavam sua política de aproximação e amizade com os Estados Unidos defendendo o monroísmo como guardião da liberdade das nações da América Latina.

A política dos Estados Unidos havia sido definida no início do século. A nação norte-americana não podia permitir que seus interesses – de seus cidadãos – fossem comprometidos sem que o Estado os defendesse. Referindo-se ao discurso de Roosevelt, mostrou como os norte-americanos construíram para si um direito de intervir politicamente nos países da América, sobre os quais teriam uma “autoridade moral”, para protegerem seus interesses contra as instabilidades e contra as intervenções européias de uma só vez. Aproveitavam-se, assim, de pretextos os mais inverossímeis para fazer sentir sua “vigilância paternal”.

Apesar de uma relação comercial infinitamente inferior àquela que tinha a América Latina com a Europa, se outorgaram uma espécie de direito sobre todo o continente. Essa desproporção entre o papel comercial e a preeminência nas questões políticas era uma demonstração dos projetos que visavam criar no Sul uma dependência escalonada hierarquicamente em zonas que podiam sofrer o impacto da influência econômica, do predomínio protetor, da dominação indireta, e até, quando as condições permitiam, da ocupação militar. Os territórios arrancados ao México em 1845 e 1848, eram apenas um prelúdio interrompido. O próprio Taft, quando ministro de Roosevelt, em 1906, havia afirmado que as fronteiras dos Estados Unidos se estendiam virtualmente até a Terra do Fogo (UGARTE,1920,138).

Um protetorado de fato ou a ocupação pela força de toda a América era mais difícil do que gostariam de fazer crer aqueles classificados por Ugarte de alarmistas, como o venezuelano Cesar Zumeta. Estava em curso, entretanto, o imperialismo lingüístico, econômico, político e étnico, contra o qual era necessário opor obstáculos. A expansão dos transportes e do idioma eram meios de anexação moral e de conquista, de desnacionalização, e, por fim, de anexação.

Um grave problema, entretanto, era o fato de que a América Latina cometia erros que justificavam as incertezas daqueles que, de forma interessada, questionavam sobre sua capacidade para a vida livre. Neste ponto Ugarte repete os argumentos de que as instabilidades políticas eram a razão da tutela que subordinava diversas regiões, sem se dar conta que ele próprio, em passagens anteriores, atribuíra aos Estados Unidos muitas das iniciativas que geraram as revoluções e conflitos. Por outro lado, embora trate da influência “moral”, ou cultural, que a supremacia econômica produz, não explora o fato da dependência econômica, da incapacidade de gerar os meios de explorar suas riquezas, que igualmente justificava a tese imperialista.

Pelas razões certas ou erradas, o fato é que o despreparo, o atraso e a inferioridade passaram a compor a consciência de muitos latino-americanos que, dessa forma, adotavam o americanismo como única política possível. Para uma análise desse processo Ugarte recomendou a leitura de um opúsculo escrito por um peruano de origem norte-americana chamado Garland, escrito por ocasião do conflito entre o Peru e o Chile. Depois de aludir à proteção indireta prestada pelos Estados Unidos ao Peru na Guerra do Pacífico, fazia um elogio àquele país por haver decidido não permitir conquistas nas Américas. Segundo Ugarte, essa postura dos Estados Unidos comprovavam a onipotência que se atribuíam e a intenção de impedir que qualquer outro país se tornasse mais poderoso. Além disso, havia a contradição implícita de um conquistador advogar a proibição das conquistas. Garland dizia ainda que diante do imperialismo os países da América Latina tinham a sua independência permanentemente ameaçadas, insinuando que apenas a proteção dos Estados Unidos as mantinha e poderia continuar a garanti-las.

Um dos argumentos citados por Garland como garantia das independências era o suposto apego dos norte-americanos pelos valores da liberdade e da democracia,

esquecendo-se de que esses valores não apenas estavam em franco declínio como eram defendidos apenas para os norte-americanos. Ou seja, naquele contexto eram instituições que apenas os cidadãos da metrópole tinham o direito de usufruir (UGARTE,1920,142)

Fazia-se necessário provar que a mentalidade dos norte-americanos havia mudado. Para tanto Ugarte lançou mão do discurso político e do literário, demonstrando como a corrida imperialista constituía já um cenário compartilhado pelo senso comum. Thomas Dixon, autor da novela *The Leopard's spots*, entendia que o novo século era o século da conquista do globo pela raça anglo-saxônica.

“El anglosajón ingresa en el nuevo siglo con la corona imperial del pasado y del presente sobre su cabeza con el cetro de lo infinito en sus manos. Quién resistirá a la marea de la conciencia ansiosa de nacionalismo y de misión mundial? [...] Nuestros antepasados soñaban con la supremacia continental: nosotros soñamos con la conquista del globo. Creemos que Dios ha elevado nuestra raza, como outrora la de Israel, al grado de tutora, creando y conservando como um depósito sagrado de la civilización para las razas menos vigorosas los principios de la libertad civil y religiosa y las formas del gobierno constitucional.” (UGARTE,1920,145)

Reafirmava-se ainda comumente a justificativa da Doutrina Monroe baseada na ameaça real que existia contra aqueles que não podiam fazer valer sua soberania. Estes deviam se sentir, com razão, de acordo com o discurso produzido nos Estados Unidos, ameaçados pelas potências da Europa. Com relação a esta questão, o político Mr. Waterson havia aconselhado o governo dos Estados Unidos a abandonar a Doutrina Monroe e a se entender com a Inglaterra e a Alemanha sobre a partilha da América do Sul, garantindo assim a Zona do Canal, o istmo e a América Central.

Em síntese, Manuel Ugarte construía em seu texto um cenário no qual os norte-americanos concebiam o seu papel como um ator destinado a expandir-se para levar a civilização a regiões atrasadas do mundo, equiparando-se aos imperialismos europeus. Enquanto isso, as nações latino-americanas admitiam de boa fé os argumentos da diplomacia norte-americana e aceitavam as conferências pan-americanas e a visita do secretário de Estado à América Latina, dando maior peso e legitimidade a essas iniciativas. Haviam se esquecido de episódios graves como a exploração da canhoneira Wilmington em 1899 no Amazonas, o contrato do Sindicato Boliviano e o movimento

separatista do Panamá. E ainda a participação dos norte-americanos nas revoluções da Costa Rica, e o caso de Cuba.

Para Ugarte, a Agência das Repúblicas Americanas era a semente de um ministério das colônias, tal qual o da Inglaterra. Alguns países da América Central já tinham a sua política interna sob a direção norte-americana. Grandes empresas comandavam, minas, ferrovias e exportações, originando um verdadeiro protetorado. Ao governante que quisesse romper o jugo, como Castro da Venezuela, não faltava uma revolução para colocar em risco o seu governo. No Sul, onde havia menos ingerência e maior autonomia das repúblicas, a política dos Estados Unidos era a de tentar dividir Brasil, Chile e Argentina (UGARTE,1920,150).

Dois últimos argumentos compunham o esforço de comprovar o perigo do expansionismo ianque. O primeiro era a demonstração de que, para os europeus, o protetorado de Washington sobre toda a América era já uma realidade. Citações de articulistas expressavam a convicção dos europeus sobre sua própria impotência diante da realidade da dominação em curso. E, seguramente, os Estados Unidos descobririam que o direito estava a seu lado.

Por fim, Ugarte advertiu que a anexação de territórios ao império econômico dos Estados Unidos não significava a anexação de suas populações. Os norte-americanos desprezavam as populações de cor e, em razão de seu egoísmo, não estenderiam a elas os benefícios das instituições e dos direitos. Apenas a exploração econômica lhes interessava, e, portanto, era falso o discurso daqueles que falavam dos benefícios da civilização, ou dos que, cansados das lutas internas, preferiam conceder aos Estados Unidos o papel político do bom mediador, esperando aqueles benefícios. Ao longo de *El porvenir de la América Española*, foram muitas as vezes que Ugarte alertou o seu leitor para essa diferença bastante bem estabelecida através da experiência da primeira década do século XX.

Com características panfletárias e informações pouco completas, com a finalidade de atingir um grande público leitor, *El porvenir de la América Española* foi uma síntese das preocupações fundamentais de Manuel Ugarte sobre o imperialismo norte-americano e a ameaça que ele representava para a sobrevivência da América

Latina, não apenas como um conjunto de repúblicas independentes, mas como uma civilização com características próprias relacionadas a uma colonização particular. O espetacular crescimento dos Estados Unidos no final do século XIX e os resultados da guerra contra a Espanha fizeram da questão do imperialismo ianque a preocupação central de Manuel Ugarte, sobrepujando o seu engajamento com o Partido Socialista e com os compromissos de seu programa.

Resistir ao avanço norte-americano era uma responsabilidade dos latino-americanos, cujos interesses eram opostos aos dos Estados Unidos, como tentou demonstrar. O caminho para essa resistência era necessariamente a união que fora anteriormente o objetivo de Bolívar e San Martín. Também a manutenção das relações comerciais com a Europa era de fundamental importância, uma vez que a fragmentação do poder entre as várias potências do continente impedia que uma delas pudesse consolidar um tipo de supremacia como aquela desejada pelos Estados Unidos.

A militância de Ugarte continuou, sem que suas teses tenham sido assumidas por governos ou mesmo partidos até a era de Perón, quando foi convidado a participar do governo argentino. Suas melhores relações estavam entre intelectuais como ele, europeus e latino-americanos, como Gabriela Mistral e Mariátegui, de sorte que é possível relacioná-lo a uma corrente do pensamento latino-americano de características nacionalistas, antiamericanas e antiimperialistas, que constituiu elemento importante das disputas intelectuais e das lutas políticas do século XX e permanece presente nos dias atuais.

Bibliografia

BARELA, Liliana. “Manuel Ugarte: El pensamiento argentino ante La condición humana.” 2005. WWW.ensayistas.org/critica/generales/C-H/argentina/ugarte.htm (acesso em 03/10/2008)

IGLESIAS, Nieves Pinillos, . *Manuel Ugarte*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1989.

RIPPEY, J. Fred. “Introduction” in UGARTE, Manuel. *The destiny of a continent*. Alfred A. Knopf, INC, 1925.

UGARTE, Manuel. *El arte y La democracia*. Valencia: Sempere,1904.

_____, “La muerte de Cuba” (1906) in IGLESIAS, Nieves Pinillos. *Manuel Ugarte*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1989.

_____, *El porvenir de la America Española*. Valencia: Prometeo,1920.

¹ A síntese das idéias socialistas de Ugarte baseia-se na Conferência “Las ideas del siglo”, pronunciada na sala Operai Italiani, em 1903, quando voltou à Buenos Aires, e publicada em *El arte y La democracia*.

² Apud. Liliana Barela, “Manuel Ugarte: El pensamiento argentino ante la condición humana”, p.3. A citação foi retirada de *Mi campaña latinoamericana*, publicado em 1922 com a compilação das palestras que pronunciou nos diversos países que visitou entre os anos de 1912 e 1917.